

# Psicanálise e necropolítica: um ponto de vista psicanalítico

Ney Couto Marinho<sup>1</sup>

---

**RESUMO** O autor faz uma breve introdução à discussão do tema: Psicanálise e Necropolítica. História brevemente as complexas relações entre Psicanálise e Política, suas vicissitudes e sua atual importância. Chama a atenção para o caráter revolucionário da Psicanálise como crítica da cultura e a repressão deste estudo durante a guerra fria. Mostra como a atual pandemia pôs em relevo questões como a desigualdade social, o racismo e o belicismo que as alimentam. Sugere a noção de Necropolítica, formulada por Achille Mbembe, como um forte instrumento de investigação de nossos atuais conflitos políticos e sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicanálise, política, Mbembe, necropolítica, descolonização,

*“Só a bestialidade nazista acordou o europeu  
para a ferocidade contida nele próprio”*

*(Darcy Ribeiro, s.d.)*

## Psicanálise e Política

As relações entre a Psicanálise e a Política sempre foram complexas e, muitas vezes, conflitivas. Sabemos que a Psicanálise nasceu em um momento de grande criatividade e esperanças da Europa. Do avião ao cinema e telégrafo, tudo indicava que o progresso tecnológico levaria a humanidade a um destino de grande felicidade e prazer. O próprio Freud fez questão de datar seu livro fun-

---

1. Psiquiatra, psicanalista, Diretor do Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Doutor em Filosofia – PUC-Rio.

dador – “A interpretação dos sonhos” (1900) – do início do século, quase anunciando as grandes descobertas que ainda viriam. De fato, a Psicanálise foi uma revolução! Pensar que mulheres e homens padeciam de análogos sofrimentos oriundos da repressão sexual – manifestados pelos quadros recém-descritos de histeria (cujo nome remonta a útero, portanto, próprio para as mulheres) – foi um escândalo. Da mesma forma, podemos falar de armênios, gregos e judeus, vítimas frequentes dos cruéis pogroms (massacres de minorias); dizer que sofriam dos mesmos males que seus senhores de ocasião, uma blasfêmia! Além disso, a recém-incorporada loucura ao rol das doenças médicas, catalogadas quase que taxonomicamente, ou seja, da mesma forma que plantas e animais, passou, sob o ponto de vista psicanalítico, a ser vista mais próxima da sanidade do que então se julgava e, mais tarde, pelos seguidores de Freud, constitutiva do ser humano. Os sonhos apregoados como portadores de sentido por alguns poetas – como Shakespeare – deixaram de ser as meras quimeras, como cientistas e filósofos consideravam, para tornarem-se objeto de investigação, interpretação, e a via régia para o inconsciente. Acrescentaria que o próprio inconsciente, embora já conhecido na literatura, segundo a Psicanálise, passaria a ter seu funcionamento descrito, suas leis, e ser a fonte da nossa – até então – respeitável e toda poderosa vida consciente, racional. Em suma, a Psicanálise trouxe ao pensamento ocidental uma dimensão revolucionária. Certamente, Hume não teria avaliado as consequências de sua afirmação: “a razão é escrava das paixões”, que um seguidor de Freud – W. R. Bion – levará às últimas consequências. Alguns filósofos e, entre nós, Danilo Marcondes (1997), consideram a revolução freudiana como a terceira ruptura com a modernidade, sendo a primeira a copernicana e a segunda a darwiniana.

É assim que vejo o caráter politicamente revolucionário da Psicanálise. Ou seja: caso aceitemos as ousadas conjecturas racionais – friso racionais, porque poetas da envergadura de Shakespeare já as fizeram como imaginativas –, teremos que ver o outro como um próximo, com os conflitos, dores e prazeres, próprios de um humano. A cor da pele, a língua estranha, a condição econômica, os costumes diversos não podem afastar-nos da condição humana comum. Esta simples constatação, caso aceita, transforma o ponto de vista psicanalítico em outra forma de ver as coisas, como bem definiu o filósofo vienense Ludwig Wittgenstein. Temos aí o marco para uma nova epistemologia da vida psíquica; algo semelhante ao que a estética nos propicia, não a ciência. Mas, em que isto implica em nossa presente discussão? Penso que teríamos que fazer uma breve volta ao surgimento da Psicanálise.

Pleno de esperanças, o pensamento psicanalítico foi defrontado, não tanto com as críticas conservadoras – hoje em dia vistas como irrelevantes –, mas com o impacto da I Guerra Mundial. A brutalidade, a violência, a irracionalidade do confronto desgraçou vidas e, com elas, a ilusão de um desenvolvimento linear civilizatório. Não é por acaso, portanto, que Freud escreve seus textos, para alguns os mais brilhantes, neste período: “Reflexões em tempos de guerra e morte” (1915), “A transitoriedade” (1916), “Luto e melancolia” (1917[1915]), “O estranho” (1919) até... “Além do princípio do prazer” (1920).

Não bastava a sexualidade para compreender a vida mental, haveria um impulso, pulsão, ou o termo que caiba, de morte, de destruição, que a rege também. São pulsões inseparáveis – vida e morte – Eros e Tânatos, como mitologicamente gostava Freud de descrever sua teoria.

Nesta época, muitos dos pioneiros, como Ferenczi, Otto Fenichel, Wilhelm Reich, e os demais participantes das famosas reuniões das quartas-feiras com Freud militavam politicamente. Muitos socialistas, outros comunistas e a maioria social-democrata, dentre estes o próprio Freud, segundo a minuciosa pesquisa recém-publicada de Elizabeth Danto (2019). O entre guerras, contudo, tornou a atividade política intensa e perigosa, principalmente na Europa central; as milícias nazifascistas perseguiram violentamente qualquer movimento de esquerda, socialista ou pacifista. Tal estado de coisas atingiu seu auge nos anos 1930 e redundou na primeira diáspora psicanalítica. O eixo Viena-Berlim-Budapeste virou Londres-New York-Buenos Aires. Teremos que parar por aqui, devido ao nosso tempo, mas é importante assinalar que a solução para preservar a Psicanálise foi afastá-la do debate político, embora seja ela um formidável instrumento de crítica da cultura. Tal solução se mostrou, com o tempo, desastrosa, pois enfraqueceu teoricamente um rico pensamento e propiciou um preconceito contra a Psicanálise que muito a afastou da cultura, não impediu que o nazifascismo e o stalinismo a perseguissem, assim como o capitalismo a tentasse cooptar. A Guerra Fria e a difusão das ditaduras de direita na América Latina tornaram qualquer recuperação do vivo diálogo da Psicanálise com a política – que tanto influenciou a Escola de Frankfurt<sup>2</sup>, ou a obra de grandes analistas pioneiros, como Erich Fromm, Karen Horney e, sobretudo, em nosso meio, Marie Langer – impossível.

---

2. Um excelente estudo sobre este diálogo está em “Teoria crítica e psicanálise”, de Sergio Paulo Rouanet (1983).

Em nossos dias, graças à cruel pandemia que vivemos, tornou-se impensável ignorar este diálogo: Psicanálise – Política. Portanto, feita esta breve menção às relações históricas da Psicanálise com a Política, acho que podemos entrar no tema da Necropolítica.

## Psicanálise e Necropolítica

Este ensaio pressupõe que a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como implantação e manifestação de poder. (Mbembe, 2018, p. 5)

Assim, Achille Mbembe inicia seu ensaio “Necropolítica”.

Para quem viveu os 21 anos da ditadura brasileira (1964-85), ou a Chile, a Argentina, a Uruguai ou outras tantas, tais sentenças não são estranhas. Afinal, os militares no poder decidiam quem ia viver ou morrer. A análise de Mbembe, contudo, aprofunda esta forma de soberania, mostrando-a no cotidiano da vida das populações oprimidas, fazendo também parte do ordenamento social aceito. Seu texto denso e consistente nos desperta um sentimento semelhante ao que Freud descreve em “O estranho” (1919). Algo novo e familiar. A razão da necropolítica e a razão escravagista; os bantustões africanos (distritos ou cidades reservadas à população local excluída, como no *apartheid*) e as nossas comunidades criadas para retirar as favelas das zonas turísticas e levá-las para a periferia da cidade (Cidade de Deus, Vila Kennedy), processo que minha geração viu se impor à força juntamente com a ditadura militar. As plantations e os nossos latifúndios de monocultura exportadora. Casa Grande e Senzala.

Entretanto, há algo de novo, original, na descrição de Mbembe. Este algo talvez seja uma região de intersecção com a crítica psicanalítica da cultura. Por exemplo, quando o autor descreve a estreiteza da razão iluminista e seu caráter eurocêntrico, prescritivo e autoritário, parece-nos requerer uma nova visão de racionalidade, pois aquela apenas justifica o existente ou propõe algo, mesmo uma utopia, pré-determinado. Neste ponto, pensamos que a Psicanálise tem uma contribuição a dar quando ela admite “a razão como escrava das paixões”.

A frase “a razão é escrava das paixões” é do filósofo David Hume. Se a aceitarmos como Bion o faz, devemos pesquisar que paixões são essas que conduzem a razão, tornando-a um instrumento no mundo da realidade. Vamos seguir

Bion, evidentemente admitindo que outros psicanalistas escolham outras paixões, nesta pesquisa. Ele sugere três fundamentais: amor, ódio e conhecimento. Mas, segundo a teoria das pulsões de Freud, a partir de 1920, devemos levar em consideração sempre a presença da pulsão de morte (Tânatos). Assim, às paixões que escolhemos, devemos acrescentar: -amor, -ódio e -conhecimento. Este sinal (-) não representa deficiência, mas sim, distorção. Isto é: -amor seria um amor “sem nenhuma das características próprias do amor”, por exemplo: certas ligações psicóticas ou talvez psicopáticas; da mesma forma, -ódio seria um ódio sem qualquer componente erótico, algo como uma destrutiva indiferença (trabalhamos há algum tempo em um texto com o Caso Eichmann [Marinho, 2000], como um dos exemplos; seria, portanto, algo mais próximo do crime do que da loucura) e -conhecimento não seria ignorância, mas uma atividade passional que visa o des-entendimento, a des-informação (em termos mais atuais: as *fake news*), ressaltando não se tratar de uma atividade necessariamente consciente.

Rascunhamos um breve estudo sobre a Razão Escravagista (Marinho, 2018). Toda a sua crueldade, ampla e juridicamente aceita na época, indica que estava a serviço, fundamentalmente, do ódio.

Em “Sair da grande noite”, ensaio sobre a África descolonizada – tema que é muito caro à SBPRJ, dado o seu intercâmbio com a Comunidade de Países de Língua Portuguesa –, Mbembe (2020) articula o pensamento do psiquiatra e filósofo Frantz Fanon com o pensamento do filósofo francês Jean-Luc Nancy, através do termo: declosão. Vejamos nas próprias palavras de Mbembe:

No pensamento da descolonização, a humanidade não existe a priori. É preciso fazê-la surgir através do processo pelo qual o colonizado desperta para a consciência de si mesmo, apropria-se subjetivamente de seu eu, desmonta a cerca e se autoriza a falar em primeira pessoa [...] se erguer por si mesmo que Fanon compara a um surgimento – surgimento das profundezas daquela que ele chama “uma região extraordinariamente estéril e árida”, essa zona do não-ser que é, a seus olhos, a raça [...] sair da clausura da raça – clausura na qual o olhar do Outro e o poder do Outro buscam encarcerar o sujeito. É contribuir para dissipar o espaço das distinções claras, das fronteiras e das clausuras e caminhar na direção do universal que ele afirma ser “inerente à condição humana”. (Mbembe, 2020, p. 71-72)

Mais adiante: “Para ele [Fanon], a eclosão do mundo é a mesma coisa que a sua declosão se, segundo Jean-Luc Nancy, entendemos por declosão o desmantelamento e a desmontagem das cercas, cercados e clausuras.” (Mbembe, 2020, p. 72).

## O atual estado das coisas

Tenho que parar por aqui, pois o meu tempo acabou, assim como meu conhecimento da rica obra de Mbembe que apenas começo a estudar. Quis somente oferecer um ponto de vista psicanalítico para as questões que estamos discutindo. Desejei também mostrar como, a meu ver, a Psicanálise precisa pesquisar, investigar, tratar (em um amplo sentido, conceitos, pessoas, instituições) os grandes desafios de nossa época. A desigualdade, o racismo, o belicismo, tríade que alimenta a necropolítica que vivemos. Tríade que precisa ser extinta: não se trata de amenizar, diminuir, ou reprimir mas... extinguir.

Destacamos duas noções: razão e descolonização, como pontos de contato entre o pensamento psicanalítico e o de Mbembe. A racionalidade científica, instrumental, técnica, econômica e, mesmo política, fracassa quando não reconhece a serviço de qual paixão predominante – como em um paralelogramo de forças – está a razão escravizada. O indivíduo desespera mortalmente – evocando Kierkegaard – quando luta contra a sua descolonização, contra si mesmo, impedindo surgir sua criatividade e espontaneidade, que inevitavelmente entrará em conflito com o *establishment*, o estabelecido, interna e externamente.

### ***Psicoanálisis y necropolítica: un punto de vista psicoanalítico***

**RESUMEN** El autor hace una breve introducción a la discusión del tema: Psicoanálisis y Necropolítica. Explora históricamente, las complejas relaciones entre el Psicoanálisis y la Política, sus vicisitudes y su importancia actual. Llama la atención sobre el carácter revolucionario del psicoanálisis como crítica de la cultura y la represión de este estudio durante la guerra fría. Muestra cómo la pandemia actual ha puesto en evidencia cuestiones como la desigualdad social, el racismo y el belicismo que los alimentan. Sugiere la noción de Necropolítica, formulada por Achille Mbembe, como una herramienta poderosa para investigar nuestros conflictos políticos y sociales actuales.

**PALABRAS CLAVE:** psicoanálisis, política, Mbembe, necropolítica, descolonización.

### ***Psychoanalysis and necropolitics: a psychoanalytic point of view***

**ABSTRACT** The author gives a brief introduction to the discussion of the theme: Psychoanalysis and Necropolitics. He briefly chronicles the complex relationships between Psychoanalysis and Politics, their vicissitudes and their current importance. He draws attention to the revolutionary character of psychoanalysis as a critique of culture and the repression of this study during the cold war. It shows how the current pandemic has highlighted issues such as social inequality, racism

*and the bellicose that fuel them. He suggests the notion of Necropolitics, formulated by Achille Mbembe, as a strong instrument for investigating our current political and social conflicts.*

**KEYWORDS** – *psychoanalysis, politics, Mbembe, necropolitics, decolonization.*

## Referências

- Danto, E. A. (2019). *As clínicas públicas de Freud*. São Paulo: Perspectiva.
- Marcondes, D. (1997). *Iniciação à história da filosofia, dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Marinho, N. (2000). A psicanálise entre o passado e o futuro. Notas sobre o “pensar” em Hannah Arendt e W. R. Bion. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 34(3): 475-494.
- Marinho, N. (2018). *A razão escravagista*. Texto apresentado no IV Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, Mindelo/Cabo Verde, 2018.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições.
- Mbembe, A. (2020). *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ribeiro, D. (s.d.). Prefácio à tradução brasileira de “O ramo de ouro” de Sir J. G. Frazer. São Paulo: Círculo do Livro.
- Rouanet, S. P. (1983). *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Recebido: 24/5/2021

Aceito: 02/06/2021

---

### Ney Couto Marinho

Rua Sergio Porto, 153 - Gávea  
Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22451-430  
(21) 2294-4686  
neymarinho@globo.com